

INFORMAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

Donativos para a igreja nova:

Foram entregues esta semana os seguintes donativos para o pagamento das obras de construção da nossa Igreja Paroquial: Águeda de Jesus Martins Ramos – 30 € (mensal); Arménia Alves da Rocha – 20 €; Anónima – 120 €; Anónima – 30 € (mensal); José Augusto Almeida Faria – 30 € (mensal); Anónima – 80 € (mensal: Abril a Julho); Maria dos Mares Gomes Gonçalves – 5 € (mensal); Pe. Manuel José Torres Lima – 250 € (mensal, referente à renúncia à mensalidade como pároco); Anónima – 10 € (mensal); Amigos do Senhor do Socorro

(entregue por Arménia) – 20,40 €; Anónima – 10 €. Bem hajam!

ACTIVIDADES DIOCESANAS

Encontro Diocesano de Acólitos:

No próximo sábado, dia 6, a partir das 9,30 h., em Refóios – Ponte de Lima. Este Encontro de um dia para Acólitos costumava realizar-se a 5 de Outubro e agora, depois do 5 de Outubro ter deixado de ser feriado, passa a realizar-se no primeiro sábado de Julho.

Peregrinação Diocesana à Senhora do Minho, na Serra de Argá: No próximo domingo, dia 7, na parte da tarde.

MISSAS

Dia	Hora	Intenções
1 Seg	18,30	Elisabete Machado Rodrigues da Silva (30.º dia); Luís Silva da Rocha, Maria José da Silva, José Rodrigues da Costa e Maria José Alves de Sousa; Madame Aubert; Maria do Rosário Pacheco Barbosa
2 Ter	18,30	José Augusto Pereira Chiado; Maria das Dores Pereira Carriço; José de Fátima Ferreira Chiado; Abílio Pereira Carriço; Rosa de Araújo Fernandes; José Camilo da Costa Ramos; Francisco Rodrigues Gomes e José de Araújo Gomes; Arlindo Martins de Sousa Miranda; Maria da Conceição Vilela da Silva Viana
3 Qua	18,30	Manuel Narciso de Sousa Ramos; Teresa Maria Soares Fernandes de Castro, Luís Cerqueira e Gracinda Martins e Maria Fernanda Rodrigues Lopes; Deolinda de Jesus Alves Novo
4 Qui	18,30	Artur Azevedo Alves; José de Oliveira e Silva; Glória de Jesus Sousa Lima; Manuel Armindo Alves Peixoto (aniv.)
5 Sex		
6 Sáb	19	Alfredo Cerdeira Esteves; Carlos Manuel Martins da Silva; Olinda Rosa Rodrigues, Clemente Leal e família; Domingos Fernandes, Conceição Coelho e José Pedro Coelho
7 Dom	10	Pais e irmãos da família Mendes Gomes e Sogros; José Rodrigues e filhos, Acúrio de Brito e esposa; Teresa da Silva e Fernando Pereira; Valdemar Crisóstomo do Souto; José Guimarães; Angelina Mesquita; Armando Martins Arezes e Maria Miquelina; Maria Rosa Monteiro

PARÓQUIA VIVA

N.º 651 – 30/06/2013

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 53 18 / 258 80 67 56 | Telemóvel: 93 63 22 123

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: www.senhordosocorro.org • Sai todos os Domingos



13.º Domingo Comum – Ano C



«alguém disse a Jesus: “Seguir-Te-ei para onde quer que fores”. Jesus respondeu-lhe: “As raposas têm as suas tocas e as aves do céu os seus ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”. ... “Seguir-Te-ei, Senhor; mas deixa-me ir primeiro despedir-me da minha família”. Jesus respondeu-lhe: “Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus”.» (Evangelho)

“Não leveis duas túnicas”

Por: Jorge Teixeira da Cunha

A três meses da eleição do Papa Francisco, podemos tentar um exercício de interpretação dos seus gestos e palavras, em ordem a assimilarmos o que está a dizer à Igreja. É certo que ainda não escreveu nenhum texto de fundo. Mas há um estilo e há opções que são significativas para dar uma nova cor ao exercício do ministério de Pedro. Não parece haver dúvida de que está em acção uma mudança que é justo assinalar.

A primeira coisa que salta aos olhos é que o Papa quer exercer o seu serviço, mantendo a proximidade possível com todos. Vive na casa onde os outros vivem, toma um assento do mesmo nível dos outros participantes nas reuniões onde se discutem os caminhos a seguir, entra em

contacto com as pessoas que eram o seu mundo, antes de ser eleito, deixa transparecer as suas preocupações pessoais a respeito dos problemas da Igreja. Numa palavra, estamos longe da imagem hierática costumada dos papas que, uma vez eleitos, se distanciavam do seu mundo de ontem e, de um momento para o outro, só se exprimiam em palavras muito medidas e em gestos defensivos cuidadosamente calculados. Estas escolhas não deixam de lhe levantar muitos problemas, devido à sua extrema exposição à comunicação social, que transtorna o significado dos gestos e torna ambíguas as mensagens.

Mas debaixo deste estilo novo divisa-se algo mais interessante. Desde a sua eleição, o Papa apresentou-se na vulnerabilidade da sua pessoa, confiando apenas no carisma pastoral do seu coração. E o povo, que com ele desenvolve uma empatia imediata, sentiu isso bem. Por isso, o formalismo impecável da doutrina e o conteúdo das suas mensagens parece ser colocado em segundo lugar. O que parece importar-lhe é a valorização da sua presença como símbolo e a possibilidade de agregar as pessoas nessa comunicação de graça. O resto virá por acréscimo. Este estilo é muito consolador. De facto, o que o mundo de hoje necessita mais é de encontrar a mão condescendente de Jesus e a sua palavra terapêutica.

(Continua na pág. 3)

13.º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: 1 Reis 19, 16b.19-21

2.ª leitura: Gál. 5, 1.13-18
Evangelho: Lc. 9, 51-62

- A verdadeira liberdade -

Hoje não podemos deixar de confrontar o nosso conceito de liberdade com a visão bíblica da mesma. Ainda por cima, S. Paulo fala-nos de “verdadeira liberdade”, o que deixa antever que pode haver ‘falsas’ liberdades...

Para o nosso mundo, liberdade é poder fazer aquilo que se quer, melhor dito: aquilo que nos apetece. Aqui, o homem é o definidor daquilo que deve e quer fazer. Ao contrário, na visão bíblica, ser livre é poder fazer aquilo que se deve fazer.

Então, o homem não define o que deve fazer, mas aceita uma ordem que o ultrapassa, de que tem conhecimento pela sua inteligência, a ela adere pela sua vontade e se empenha em cumpri-la, libertando-se assim da tirania dos seus caprichos, gostos e inclinações naturais – os “desejos da carne”. Por isso S. Paulo afirma que ‘fomos chamados à liberdade’, que ‘não fazemos aquilo que queremos’, mas, conduzidos pela ‘lei do Espírito’, aderimos ao bem que devemos fazer.

É o mesmo que acontece na vocação de Eliseu para profeta: Elias realiza o gesto do chamamento, cobrindo-o com a sua capa e, depois, diz-lhe: agora faz o que sabes que deves fazer!

E quando assim é, isto é, quando somos verdadeiramente livres, nada nem ninguém nos pode deter nas nossas decisões: os próprios obstáculos com que nos deparamos no nosso caminho não são para ser eliminados, mas tornam-se ocasião para fortalecer a nossa decisão, isto é, a nossa liberdade. Foi o que fez Cristo: não se deixou enredar pela falta de hospitalidade dos samaritanos, acedendo à proposta de extermínio feita pelos discípulos, mas prosseguiu o seu caminho em direcção a Jerusalém.

Por isso, os textos de hoje apresentam-nos a liberdade como um chamamento (“fostes chamados à liberdade”), como dom (“foi para a verdadeira liberdade que Cristo vos libertou”) e desafio, a bem cuidar, para não o perdermos (“não torneis a sujeitar-vos ao jugo da servidão”).

Com efeito, só nas asas da verdadeira liberdade é que nós podemos voar para as alturas da vocação e do serviço aos outros. Tudo o resto, por mais saboroso, brilhante e atraente que seja, não passa de pura sujeição aos mais abjectos apetites da carne. Mesmo que arvorados e apregoados como a máxima realização e felicidade, não passam de mero rastejar, incapaz de nos elevar à beleza das alturas da verdadeira liberdade, para a qual Cristo nos libertou e nos chama.

Em conclusão, uma liberdade assim é dom (foi para ela que Cristo nos libertou), mas é, ao mesmo tempo, conquista que se vai conseguindo pela educação e pelo treino. De facto, a maior e melhor herança que os pais podem deixar aos seus filhos é educá-los para uma liberdade assim, para a verdadeira liberdade!

Pe. José de Castro Oliveira

INFORMAÇÕES

Ofertório para a “Cadeira de S. Pedro”: Lembremos que o Ofertório das Missas deste domingo, dia 30, reverte a favor da Sé Apostólica (Santa Sé), em Roma. Tradicionalmente é chamado “ofertório para a Cadeira de S. Pedro”.

Reunião para a programação das actividades relacionadas com a Dedicção da igreja nova: O pároco convoca mais uma vez todos os paroquianos para uma reunião com vista a concretizar o Programa de Dedicção da igreja nova, a decorrer entre Setembro próximo e o dia da Dedicção, previsto para 2 de Fevereiro, dia do Padroeiro e do 45.º aniversário da criação da paróquia.

A reunião será esta segunda-feira, dia 1, às 21 h., no Centro Paroquial. Participe!

Visita aos doentes: O pároco fará a visita mensal aos doentes na próxima quarta-feira, dia 3, na parte da tarde, a partir das 15,30 h.

Não há Missa: Na próxima sexta-feira, dia 5, devido a outro compromisso pastoral do pároco à mesma hora, não haverá Missa na nossa paróquia.

Reunião do CPAE: O pároco reúne com os membros do Conselho Paroquial para os Assuntos Económicos na próxima sexta-feira, dia 5, às 21,30 h., no Centro de Convívio.

No início da reunião, no período de “antes da ordem do dia”, qualquer paroquiano pode apresentar assuntos ao Conselho, desde que se relacionem com a administração dos bens da paróquia.

Missões: No fim das Missas do próximo fim de semana, dias 6 e 7, algumas colaboradoras das Irmãs Missionárias Combonianas estarão à porta da igreja a divulgar o jornal “Evangelizar hoje”. Ao entregarem o jornal gratuitamente, agradecem a oferta de algum donativo para as crianças pobres que são ajudadas pelas Missões.

Donativos para a imagem do padroeiro: Esta semana foram entregues ao pároco, expressamente para a imagem do Padroeiro, os seguintes contributos: Anónima – 20 €. Bem haja!

(Continua na pág. 4)

“Não leveis duas túnicas”

Por: Jorge Teixeira da Cunha

(Continuação da 1.ª página)

A nosso ver, é uma nova maneira de conceber a acção pastoral que está a mostrar-se no estilo do novo Papa. O tempo da pastoral como administração de bens espirituais, da penitência como um tribunal, do pastor como um funcionário, está a ser deixado para trás. E ainda bem. A pastoral bem entendida é visibilização da compaixão de Jesus que ilumina, que cura, que levanta, que põe em movimento de seguir o Mestre. A formação cristã, mesmo a distinção moral entre o que é compatível com a vida em Cristo e o que não é, são elementos posteriores que apenas têm sentido como fruto da conversão e não como formas iniciais de exclusão das pessoas. Num tempo de grande dispersão cultural e de liberdade de escolha, o cristianismo apenas é possível como anúncio de “uma boa nova”. Não será isso que nos está dizer o Papa Francisco?

In “Voz Portucalense” 19.06.2013